

A positividade do negativo nas recomendações sobre a técnica em Psicanálise.

Marina Oetterer

RESUMO: Após publicar alguns artigos sobre técnica em Psicanálise, Freud escreveu uma carta a Ferenczi onde dizia: “Recomendações sobre a técnica, que escrevi há muito tempo, era essencialmente de natureza negativa”. O trabalho procura mostrar que o objetivo de Freud nestes textos era o de interditar certos procedimentos entre analistas inexperientes e também impedir uma banalização tecnicista das questões técnicas. Na ausência de um tratado sobre técnica, Freud estaria protegendo a psicanálise destas deteriorizações. Assim, seriam sempre de “natureza negativa” tanto as suas recomendações como a falta delas na forma de um código definitivo

A positividade do negativo nas recomendações sobre a técnica em Psicanálise.

Marina Oetterer

São várias as razões que dificultam uma apresentação da técnica em psicanálise. Em primeiro lugar, trata-se de uma história que, desde o início do trabalho de Freud comportou muitas transformações que não descartaram em absoluto as aquisições históricas, embora as recontextualizem e qualifiquem.

Em segundo lugar, deve-se reconhecer uma ligação indissolúvel entre aspectos técnicos e teóricos. Ou seja, uma compilação de procedimentos técnicos se torna algo completamente sem sentido se desarticulada das posições teóricas.

Finalmente, deve-se aceitar a impossibilidade de um conjunto fechado e definitivo de procedimentos que possam ser acionados de forma mais ou menos mecânica. As técnicas, as experiências de cura analítica, a pesquisa e a construção teórica se entrelaçam dialeticamente, mantendo sempre em aberto as definições tanto dos procedimentos como das próprias metas da análise. Deve-se ressaltar também a questão das particularidades e das singularidades das experiências de cura analítica.

Contudo, todas estas razões que restringem a consideração das técnicas em psicanálise não impedem que se conceda um maior relevo à posição que o analista precisa sustentar para que uma psicanálise ocorra. Assim, somos deslocados das questões técnicas para as questões éticas.

Freud publicou um conjunto de trabalhos destinados a discutir questões técnicas. Alguns são discussões aprofundadas de problemas técnicos em seus contextos teóricos-clínicos; outros têm um caráter mais pronunciado de regras, conselhos, dicas e advertências. Novas contribuições ocorreram, embora nunca tenha vindo à luz um tratado freudiano sobre questões da técnica analítica psicoterápica.

Alguns anos após publicar estes artigos sobre a técnica, Freud escreveu uma carta a Ferenczi onde dizia: “Recomendações sobre a técnica, que escrevi há muito tempo, era essencialmente de natureza negativa”. Esta passagem tem sido usada para reivindicar uma certa cautela e um pouco mais de liberdade diante dos conselhos freudianos de forma a não tomá-los com definitivos e limitadores do que deveria ser o desenvolvimento do pensamento psicanalítico sobre a técnica.

Há inúmeros testemunhos de que a técnica de Freud era muito mais rica e flexível do que uma leitura “ortodoxante” dos artigos sobre a técnica poderia sugerir. De qualquer forma, os textos sobre técnica existem e podem merecer leituras menos comprometidas com o formalismo e com a disciplina ritualística.

O termo alemão *Ratschläge*, que Freud adota para seus trabalhos sobre a técnica, mereceria ser traduzido como “pequenos conselhos” – dicas – e não como “recomendações”. O

próprio Freud nos informa que seu objetivo em alguns destes textos era o de interditar certos procedimentos entre analistas inexperientes e afoitos. Há também uma preocupação de impedir uma banalização tecnicista das questões técnicas.

Na ausência de um tratado sobre técnica, Freud estaria protegendo a psicanálise destas deteriorizações. Assim, seriam sempre de “natureza negativa” tanto as suas recomendações como a falta delas na forma de um código definitivo. Apesar de todas as precauções de Freud, os famosos artigos sobre técnica passaram a vigorar como uma espécie de cartilha “ortodoxante”.

Uma forma de entendermos a “natureza negativa” dos conselhos é ver que com eles, Freud nos dá pistas e nos solicita a pensar nos limites do que pode ser codificado e no alcance do campo a ser explorado criativamente pelo analista em cada cura e em cada sessão. Este campo é grande e variado, pois devem se considerar tanto as variáveis do paciente como as do analista. Freud ainda diz que o método que criou funciona bem para ele, mas que outros bem poderiam trabalhar de formas diferentes. Por outro lado, se há numerosas formas legítimas de proceder, há alguns erros e desvios a serem evitados. Ao compreendemos a vastidão do que fica a cargo de cada experiência de cura analítica em matéria de procedimentos e regras, mais restrita e “negativa” seria a natureza dos conselhos.

Uma compreensão mais aguda da “negatividade” dependerá de uma especificação do que deve ser interditado, do que os conselhos veemente condenam.

Logo encontramos em diversos textos a interdição do uso abusivo da sugestão. A psicanálise não é uma cura pela sugestão, não é uma construção autoritária do psicoterapeuta, não é uma pedagogia. A este uso abusivo (e ineficaz) da sugestão, opõe-se o seu uso moderado e estratégico para propiciar novos e melhores desenlaces de impasses e conflitos transferenciais. O amor de transferência confere ao analista um poder de intervir em momentos precisos e encaminhar certas operações de desligamento e reinvestimento libidinal sem os quais não se venceriam certas resistências inerciais do paciente.

Existe também uma crítica ao furor interpretativo. A interpretação deve estar a serviço do processo analítico e nunca se converter em um fim em si mesma. As interpretações devem ser feitas com paciência, cautela e senso de oportunidade, pois do contrário, podem levar a impasses resistenciais ou então não exercerem nenhum efeito transformador. Em oposição a este uso abusivo, as atividades interpretativas devem manter-se em contato estreito com a experiência do paciente. Qualquer atividade interpretativa, por mais brilhante e profunda que seja, que leve ao rompimento deste contato com a superfície, é nociva ao trabalho terapêutico.

O furor curativo também é fustigado por Freud. Querer ajudar, curar a todo custo, a toda pressa, está em oposição ao que seria recomendável. Há nos textos freudianos uma advertência contra querer ir ao fim do caminho da cura em uma linha reta e em um ritmo regular. É preciso deixar que as coisas aconteçam e ter a convicção de que acontecerão a seu tempo e a seu modo.

Finalmente, Freud condena a tendência a colocar a clínica sob a tutela de um querer saber e de um querer fazer ciência. A pesquisa e a reflexão teórica devem vir depois e não impor

seus meios e fins a prática clínica. O pesquisador tende a preferir fenômenos mais claros, processos mais previsíveis, sobre os quais exercer o controle. O clínico deve renunciar a este controle e a estas previsões, confiando em que o processo anda e deve andar pro si só.

Em resumo, o que vemos é a interdição de todas as formas de imposição; a impaciência, o excesso de determinação terapêutica ou científica, a pressa na formulação e administração de interpretações e, a extração a fórceps de lembranças, de histórias, etc., tudo está em franca oposição ao que seria desejável: uma capacidade de insistir, suportar e sustentar um processo de cura ao longo de seu percurso e das turbulências deste. Trata-se de sustentar-se na posição de analista.

Paralelamente, Freud condena todas as formas de uso/abuso narcisista e perverso do poder transferencial. A pretensão do analista tudo saber e tudo poder, proporcionam ganhos narcisistas inaceitáveis. Não só por questões éticas, mas enquanto prevalecerem estes ganhos narcisistas, será impossível encaminhar a análise das resistências, liquidar o amor de transferência e suportar o impacto das transferências negativas e analisá-las.

Uma boa compreensão das interdições não se encerra enquanto não soubermos o que se instala e se abre pela interdição dos procedimentos excessivos e abusivos em que o analista se intromete indevidamente no processo de cura. Creemos que se abre o espaço para uma forma muito especial de presença: trata-se de uma presença que comporta uma certa ausência convidativa, um convite que se constitui como disponibilidade e confiabilidade.

Há, de preferência, um certo silêncio receptivo, um convite à regressão. Não se trata do silêncio por si mesmo na sua dimensão física. Muitos pacientes suportam e até exigem este silêncio para poderem se manter na condição propícia às livres associações e às elaborações próprias. Outros não aceitarão este silêncio e nele verão algo como perda de contato, morte, etc. Mesmo nestes casos, em que a voz ou a figura do analista é exigida, é sempre algum silêncio, no sentido de uma reserva de si para o outro, que poderão emergir e vir a se configurar esboços, fragmentos e lampejos de uma experiência nova.

A proposta freudiana é a de que se crie e se ofereça um espaço, um tempo e um suporte para as emergências psíquicas na forma de associações livres, recordações e repetições, vínculos e respostas transferenciais, o que inclui às vezes, inevitavelmente, acting out. A chamada “regra fundamental” – tudo dizer sem censura de nenhuma espécie – apenas dá conta de uma pequena parte do processo que é deflagrado quando este tempo, este espaço e estes suportes são oferecidos de forma consistente e natural.

De outro lado, cria-se também um espaço e um tempo para a atenção flutuante, indispensável para um certo registro daquilo que se escuta de irrelevante e que na posteridade se poderá constituir o novo e surpreendente que Freud persegue. Freud condena toda tentativa de dominar o material clínico, subjugando-o ao campo do sentido já dado.

Tomar notas, fazer registros obsessivos, tudo isso apenas inibe a capacidade de manter-se no estado de atenção desatenta no qual as comunicações entre inconsciente podem ocorrer.

Finalmente, há que se oferecer um espaço, um tempo e alguns recursos para elaborações, novas ligações e desligamentos. É neste contexto, e apenas nele, que algo como a sugestão pode ser um eficaz coadjuvante da análise.

No conjunto, as interdições, ou seja, a “natureza negativa” dos conselhos, estão a serviço da criação de um espaço e de um tempo para que as produções inconscientes do analisando e do analista e as comunicações conscientes entre eles possam ocorrer lado a lado, cruzarem-se e ao mesmo tempo invadir, interromper e fecundar uma pelas outras, já que o que se busca é exatamente uma maior possibilidade de trânsito intra psíquico, o que é a condição para ganhos na luta contra a repressão e contra as cisões e dissociações.

Referência Bibliográfica:

*Figueiredo, Luís Claudio Mendonça – 1945 –
Ética e técnica em psicanálise /Luís Claudio Figueiredo,
Nelson Coelho Junior. – 2 ed. Ampliada. – São Paulo: Escuta, 2008*

*Freud, S. – 1912 –
Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise – Obras Completas. Vol XII – Ed. Imago.*

*Freud, S. – 1913 –
Sobre o início do tratamento – Obras Completas. Vol XII – Ed. Imago.*